



SESC
SÃO PAULO

Mostra SESC de Artes: Ares & Pensares.
São Paulo: SESC 2003.

192 p.

Cultura — Arte — SESC — Exposições

CDD — 700

SESC
SAOPAULO-BRASIL

SESC São Paulo
Avenida Paulista, 119
01311-903 – São Paulo – SP
Brasil

Caixa Postal 6643
Telefone: 55 11 3179 3400
Fax: 55 11 288 6206

www.sescsp.org.br

O espectador da arte contemporânea

A idéia de um receptor como sendo um sujeito-lugar onde ancora algo produzido fora dele já havia sido aposentada pela ciência do início do século XX, que ensinou que estamos todos implicados naquilo que observamos. Não apenas o olhar perdeu o direito à inocência, como também o próprio olho. **Q**uando um grupo de pesquisa como o Liquid Narrative anuncia a criação (para daqui a cinco anos) de jogos com histórias sem começo, meio, nem fim, escancara que a posição do usuário está muito longe de ser a de quem recebe uma informação e a instala numa espécie de lócus habitualmente entendido como sendo um espaço interno, numa operação próxima à do armazenamento. Toda essa terminologia está datada e precisará ser substituída por outra, onde não há usuário nem regiões vazias à espera de preenchimento. Há que se zelar pela produção de outras maneiras de nomear os permanentes processos de reorganização e co-autoria dos quais somos feitos. Pois somos co-criadores das informações que recebemos, ao mesmo tempo que seus transformadores e disseminadores. **S**e isso vale para o processo pelo qual conhecemos o mundo, as artes aí estão incluídas. Quase sempre esquecemos que nosso olho, quando capta uma informação, o faz como resultado de algumas instâncias de pré-requisito já cumpridas. Afinal, o olho humano só consegue perceber aquilo para o qual está fisiologicamente capacitado. Do mundo, muito lhe escapa. Algo que ultrapasse, por exemplo, o mínimo ou o máximo de luminosidade previstos no seu projeto evolutivo, ou extrapole o raio de alcance da sua frontalidade, fica fora da sua percepção. **A** partir daí, ao menos uma consequência se impõe: aceitar que aquilo que a nossa percepção capta não é o mundo tal qual, mas o mundo que ela

está apta a perceber, isto é, um mundo brotado de uma seleção e de uma montagem. Nossa percepção, portanto, funciona como um sistema de mediação com o que nos cerca. O ato de compreender tais processos acaba por inviabilizar a própria noção de espectador como a de quem observa através de uma janela, seguramente afastado e contemplador de um mundo já pronto e à espera do seu olhar.

● espectador, portanto, é esse sujeito construtor daquilo que percebe, uma espécie de co-autor em tempo integral da realidade. Se lhe propõem continuamente enigmas que não decifra, tende a se afastar. Se alimentam a sua percepção com informações que entram em choque com as que lhe dão forma, tende a rejeitá-las. A percepção precisa ser exposta repetidas vezes ao novo até ganhar familiaridade. Por isso, o nó da arte contemporânea não deve ser procurado nela e sim na precariedade de seus modos de difusão. O problema não está no objeto (arte contemporânea) mas nos sistemas de mediação que não cumprem o destino que lhes cabe: o de fazer proliferar a informação.

● Como os sistemas de mediação não dão conta, a própria arte contemporânea inventou outras maneiras para se comunicar: explorou espaços não convencionais, esgarçou as fronteiras entre palco e platéia, seja propondo a participação do espectador, seja levando para o palco o modo de existir fora dele, abalando as fronteiras que impediam, por exemplo, os assuntos do dia-a-dia e o corpo não especializado de ganharem a cena. Dilatou o entendimento de virtuosismo e também os domínios de cada arte, uma vez que todas elas tiveram a produtividade das suas zonas de fronteira muito aumentada. A dança encostou nas preocupações do teatro, que encostou nas do circo, que encostou nas

da dança, que encostou nas da arquitetura, que enconstou nas das artes visuais, etc. Contaminações em todas as direções. **N**um mundo assim, caminha-se melhor sem as noções de emissor/ receptor. E a de interatividade não pode continuar a parecer uma novidade nascida no domínio digital somente porque se impôs como um tema-pop no reino dos computadores. Ela não carrega qualquer tipo de exclusividade, pois trata-se de um atributo humano, ligado às necessidades básicas de sobrevivência do nosso organismo. Ou seja, qualquer informação, esteja ou não no palco, seja ou não do território digital, produz uma reação em tempo real em nós. O organismo humano sempre responde ao que lhe chega através da percepção sensório-motora. **S**e a arte contemporânea estivesse bem abrigada nos meios industriais de comunicação, impregnaria muitos cérebros e garantiria o consumo da sua produção. Cabe a nós, espectadores co-criadores, não perdermos o norte para que isso venha a se realizar: é nossa a tarefa de fazer a contaminação se expandir.

Helena Katz

*Jornalista, crítica de arte e professora do
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Semiótica da PUC São Paulo*